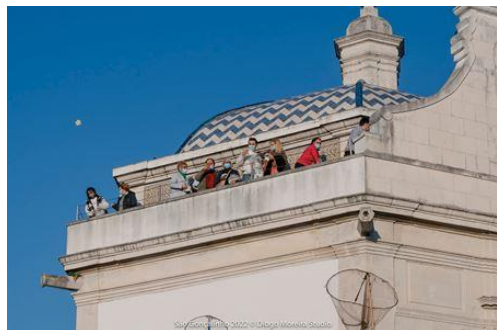


Património Imaterial



Inv. :
PROC/0000000204

Denominação: Festa de S. Gonçalinho

Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Categoria: Festividades cíclicas

Outras denominações: Festa de S. Gonçalo ou
Festa de S. Gonçalinho de Aveiro

Contexto tipológico: A Festa de S. Gonçalinho é uma festividade de Inverno, tendo lugar, anualmente, na primeira quinzena de janeiro e, por esse motivo, assinala também o início do Ano Novo. Realiza-se no Bairro da Beira-Mar, em Aveiro, mais concretamente na Igreja de S. Gonçalinho, tradicionalmente designada pela população como Capela de S. Gonçalinho, nomenclatura que se utilizará doravante, e no largo que a circunda. A Festa decorre de quinta-feira a segunda-feira, tendo como referência o dia 10 de janeiro. Um dos aspetos mais distintivos desta celebração é o lançamento de cavacas em pagamento de promessas. As cavacas, bolos rijos cobertos de calda de açúcar, são lançadas do topo da Capela, todos os dias da Festa. No largo da Capela reúnem-se todos os devotos e participantes para apanhar as cavacas com as mãos, nassas de pesca e guarda-chuvas virados ao contrário para que as cavacas caiam no seu interior. O dia 10 de janeiro, dia da morte de S. Gonçalo de Amarante, é de grande importância no contexto da Festa pelo seu significado, pois é no dia da morte que se celebra o Santo, sendo assinalado com eucaristia. A segunda-feira, dia de encerramento da Festa, é, igualmente, de particular relevância, nomeadamente porque tem lugar a Dança dos Mancos e a Entrega dos Ramos. Toda a população de Aveiro e visitantes de fora participam nas festividades, contudo, a Festa tem um significado profundo para os moradores do Bairro da Beira-Mar que se envolvem diretamente na sua organização e na sua vivência. A Mordomia de S. Gonçalinho tem a incumbência da organização dos festejos,

servindo o Santo durante dois anos, com verdadeiro espírito de missão, dedicando várias horas ao longo do ano a esta atividade.

Tradicionalmente as Mordomias eram constituídas por 12 homens residentes na Beira-Mar ou com estreita ligação, familiar e de amizade, com o Bairro. Atualmente é de relevar que as Mordomias podem ser constituídas por 18 a 21 mordomos, mantendo uma grande ligação ao Bairro e às suas vivências, de várias faixas etárias e estratos sociais. O seu crescimento em número tem acompanhado a evolução e crescimento da própria Festa e das atividades que a integram. As Mordomas, grupo feminino heterogéneo e permanente, asseguram igualmente a transmissão das tradições e garantem a limpeza e decoração da Capela de S. Gonçalinho.

Publicado na internet

Contexto de Produção

Contexto social

Tipo	Nome
Comunidade	Moradores no Bairro da Beira-Mar e demais pessoas com ligação familiar ou de amizade à comunidade desta Bairro, tendo vindo a envolver toda a cidade nos últimos anos
Grupo	Mordomia de S. Gonçalinho e Mordomas
Indivíduo	Mordomos, mordomas, sacerdote, devotos com promessas, residentes no Bairro da Beira-Mar e população aveirense, em geral.

Especificações A organização da Festa está a cargo de Mordomos, constituídos enquanto Mordomia de S. Gonçalinho, formalmente nomeados pela Paróquia da Vera Cruz, à qual pertencem. A Mordomia é constituída, atualmente, por cerca de 18 a 21 homens com ligação - familiar, de amizade ou por aí habitarem - ao Bairro da Beira-Mar Quando um Mordomo não é residente na Beira-Mar tem um incontestável e forte vínculo a este Bairro, normalmente por ligação familiar ou por ser daqui natural. A sua composição abarca todos os grupos sociais e faixas etárias, desde pessoas jovens, na casa dos 20 anos, até aos 70 anos, ou mais, se tiverem saúde e vontade de servir o Santo. Os Mordomos servem durante dois anos e depois passam o Ramo, testemunho e símbolo da mordomia e da devoção ao Santo, aos seus sucessores. A nova Mordomia é indicada pelos Mordomos que cessam funções, numa base de voluntariado, devoção e vontade de servir o Santo, bem como também sendo acatadas as promessas efetuadas no sentido de integrar a Mordomia para servir o Santo. Pode-se ser Mordomo mais do que uma vez. Na decoração e limpeza da Capela, bem como transmissão da Festa, também é relevante a participação das Mordomas, grupo de caráter mais informal, feminino. Tratam-se de mulheres da Beira-Mar com especial devoção ao Santo e que, assim, asseguram o acesso à Capela, a sua limpeza e

decoreção. É-se Mordoma a vida toda.

Contexto territorial

Local Bairro da Beira Mar, Largo da Igreja de S. Gonçalinho e Igreja de S. Gonçalinho

Classificação geográfica Aveiro

NUTs Baixo Vouga

Contexto temporal

Data(s) Festa móvel, com o dia 10 de Janeiro como referência.

Periodicidade Anual

Especificações Festa móvel, com o dia 10 de Janeiro como referência. A Festa realiza-se incluindo o fim de semana mais próximo daquela data. A Festa, preferencialmente, inicia-se à quinta-feira e termina na segunda-feira seguinte. Temporalmente, a segunda-feira é o clímax da festa, pois é então que se realiza a Entrega dos Ramos e a Dança dos Mancos, momento de catarse que encerra as celebrações. Se necessário, para incluir o dia 10 de janeiro, pode existir uma interrupção nas celebrações que, inevitavelmente, decorrem sem interrupção nos 5 dias que vão de quinta-feira a segunda-feira. Toda a comunidade sente que a Festa começou quando, na quinta-feira, ao fim da tarde, se começa a ouvir o sino da capela, a tocar sem parar, animadamente, sinal que o arremesso de cavacas se iniciou e só encerra na segunda-feira, madrugada adentro, quando o último devoto atira as cavacas da sua promessa, pagamento devido a S. Gonçalinho. A referência ao dia 10 de janeiro prende-se com este ser o dia do falecimento de S. Gonçalo.

Caracterização

Caracterização síntese

A Festa de São Gonçalo é uma celebração religiosa realizada em Aveiro, onde o Beato é carinhosamente tratado pelo diminutivo de Gonçalinho, podendo associar-se a expressão nosso menino. A celebração decorre ao longo de 5 dias, de quinta-feira a segunda-feira, tomando como referência o 10 de janeiro, dia do falecimento do santo. O dia 10 de janeiro, pela sua direta relação com a hagiografia de S. Gonçalo, é assinalado com Eucaristia, além do relevante facto de orientar a marcação do início e término da Festa. O domingo destaca-se pelo anúncio, na missa, dos nomes da futura Mordomia e a segunda-feira, encerra a Festa, e tem particular relevo por ter lugar a Entrega do Ramo aos futuros Mordomos. A Festa, celebrada no bairro da Beira Mar, tem o seu ponto fulcral no Largo da Igreja de S. Gonçalinho, que se localiza bem no centro deste Bairro. O Bairro da Beira-Mar insere-se na antiga freguesia da Vera-Cruz, atualmente União das Freguesias da Glória e da Vera Cruz, tendo características próprias ao nível do urbanismo e dos residentes pela sua ligação geográfica à Ria de Aveiro, e, conseqüentemente, pela sua ocupação histórica com profissões associadas à laguna: pescadores, marnotos e moliceiros. Tão profunda é esta ligação à Ria que os moradores são apelidados de “cagaréus”, expressão que deriva de cagar

à ré das embarcações.

Na Capela decorrem rituais de socialização, que envolvem devotos e moradores no Bairro, onde se vive um ambiente de animado convívio, pois enquanto alguns devotos rezam, outros conversam com os vizinhos e, frequentemente, espontaneamente, irrompem cânticos dedicados a S. Gonçalinho, uma expressão de devoção designada de cantar ao Santo. As animadas conversas no interior da Capela por vezes confundem os visitantes que estranham tal comportamento, mas, na realidade, esta forma de ali estar na Capela traduz um profundo sentimento de pertença a este local, um enraizamento que se vai formando e que gera alegria. A Capela encontra-se especialmente decorada para a ocasião pelas Mordomas, e,, em toda a praça que a rodeia, sente-se a animação dos que fazem fila para atirar as cavacas, dos que se reúnem para apanhar as cavacas, dos que tentam entrar na Igreja. O ambiente de alegria estende-se atualmente pelas ruas circundantes (Rua Antónia Rodrigues, Rua das Salineiras, Travessa do Arco), pela Praça do Peixe e pelo Cais dos Botirões. Na Capela, ao lado e por baixo do altar, acumulam-se alguns ex-votos em cera, colocam-se no cofre das oferendas algumas notas e moedas e recebe-se a pajela com a imagem do Santinho e a oração, que prontamente se guarda na carteira, onde fica durante o ano, tentando assim assegurar boa sorte e proteção. Ouve-se sempre o toque do sino, pois do topo da Capela atiram-se as cavacas, que são o modo de pagamento das promessas. As promessas são, portanto, medidas em quilogramas de cavacas (atualmente, há sacos de 5 e de 10 Kgs) que os devotos compram nas vendas ambulantes instaladas nas proximidades, ou nas padarias próximas ou ainda diretamente à mordomia. Ao percorrer a platibanda da capela, transportando o saco com a sua promessa, permanece o hábito de cada devoto, ao passar por baixo do sino, agarrar a sua corda e o tocar, fazendo-o repicar, soando animadamente por todo o Largo e área circundante. Ao mesmo tempo, pisca-se o olho a quem está ao lado e sussurra-se que se está a “dar ao badalo do Santo”, uma das pequenas alusões sexuais que S. Gonçalinho “aceita” e que fazem parte do espírito e vivência da Festa. Nos espaços adjacentes à Capela organizam-se os vendedores de cavacas e doces típicos, tais como bolos de gema, decorre o lançamento de fogo de artifício sobre a Ria, realizam-se os bailes populares e concertos e prossegue a romaria pelas ruas estreitas deste bairro.

A expectativa da Festa decorre há meses, quase imediatamente após o encerramento da anterior, é depois impulsionada pelo Cortejo das Pastoras ou Cortejo das Oferendas, que decorre em data a acertar pela mordomia, podendo ter lugar entre maio e outubro, a qual, entre outras iniciativas da mordomia, se destina à de angariação de donativos para a organização da Festa. O encerramento da Festa acontece na segunda-feira, já noite dentro, quando tem lugar a chamada Dança dos Mancos, de carácter reservado, dentro da Igreja, com tudo fechado. A Festa é organizada pela Mordomia de S. Gonçalinho, constituída por homens ligados à Beira-Mar que assumem a responsabilidade de organizar a Festa e que servem durante dois anos. A passagem de testemunho de cada Comissão de Festas para o ano seguinte funciona como um ritual de passagem, intensifica a devoção e a vontade de servir o santo, e introduz um outro ponto alto na festividade com a Entrega dos Ramos aos novos Mordomos. Esta intensificação da devoção e da vontade de servir S. Gonçalinho alastra para os demais devotos e moradores, e, principalmente, repercute-se nas novas gerações e novos moradores, contribuindo para a continuidade da Festa, de ano para ano, reforçando a sua natureza reprodutiva, em que os mais jovens e cada nova Mordomia também podem acrescentar algo de novo. Durante aquele período, os Mordomos, fazem parte de um grupo com responsabilidade acrescida e têm o sentido de dever que está inerente às funções que vão desempenhar. Aos Mordomos, sempre reconhecíveis pelo gabão que não tiram durante o decurso da Festa, juntam-se as Mordomas, grupo feminino que apoia na decoração e limpeza da Capela. A transmissão da Festa tanto ocorre no interior da Mordomia, através das reuniões semanais, e nos encontros das Mordomas, como, igualmente, no seio das famílias da Beira-mar em que os mais velhos introduzem os mais novos nas tradições. Também se deve salientar um contexto mais alargado de transmissão em que os novos moradores são convidados a participar na Festa e nos eventos que têm lugar ao longo do ano, sendo assim, introduzidos no espírito da festividade.

Caracterização desenvolvida

A Comissão das Festas de S. Gonçalinho, composta pelos mordomos, atualmente 18 a 21 elementos, de várias faixas etárias, entre os 20 e os 80 anos, e de variadas profissões, detém a

responsabilidade de organizar a Festa e velar pela sua preservação. Neste sentido, a Comissão, também designada de Mordomia, tem a maior responsabilidade na dinamização dos concertos, fogo-de-artifício, barraquinhas de comes e bebes, ou seja, todo o programa festivo, mas também na preservação das tradições culturais que estão associadas à Festa de S. Gonçalinho, destacando-se, por exemplo, o arremesso de cavacas e a Entrega do Ramo. Já a Paróquia da Vera Cruz, sempre em grande proximidade da Mordomia, assegura as eucaristias e envolve-se diretamente na realização da procissão, tradição que foi recuperada nestes últimos anos. A Câmara Municipal de Aveiro, por sua vez, apoia através da gestão do espaço público que coordena com a Mordomia, sendo estabelecido o plano de montagem dos palcos e estruturas de apoio, áreas dedicadas à venda ambulante, perímetros de segurança para o fogo-de-artifício e todos os cortes de trânsito e alterações à circulação necessários para a realização da Festa em segurança. O grupo feminino constituído pelas Mordomas de Altar, que ao longo do ano se encarrega de velar pela Capela, assume agora a missão de enfeitar os altares, função concretizada com esmero e orgulho e que, por vezes, também advém de promessa. Não é estranho uma Mordoma ou uma mulher da Beira-Mar prometer pagar as flores e trabalhar na decoração dos altares, principalmente no de S. Gonçalinho.

Desde que os mordomos assumem o compromisso da organização da Festa, em janeiro, indicados pela Mordomia anterior ou servindo por promessa, reúnem-se, pelo menos, uma vez por semana, intensificando-se os encontros com a aproximação da celebração. De setembro até aos festejos de janeiro reforçam-se as reuniões regulares, visando assegurar todos os preparativos para a Festa. Os peditórios de rua são conjugados com outras iniciativas, tais como leilões de objetos de arte e merchandising, para garantir o financiamento. Os peditórios percorrem várias ruas do Bairro da Beira-Mar e várias zonas de Aveiro, como por exemplo, os mercados. Os Mordomos trajam sempre o gabão, sendo facilmente identificados, e o homem da frente transporta a sacola onde são colocados os donativos. O peditório é acompanhado pela música de 2 ou 3 músicos, que atraem a atenção, pois fazem soar o característico compasso da Marcha de S. Gonçalinho. O orçamento tem contado, ainda, com diversos patrocínios. A verba obtida destina-se à organização do arraial, incluindo o pagamento a artistas, aluguer de estruturas e equipamentos, tais como palcos, bem como o importante fogo de artifício. Há que referir que os mordomos não recebem qualquer contrapartida financeira pelo seu serviço e que qualquer saldo positivo da Festa reverte para a conservação da capela e para associações e instituições de cariz social.

Relativamente à recolha de donativos, além dos vários peditórios, destaca-se a realização do Cortejo das Pastorais ou Cortejo das Oferendas, que tem lugar, normalmente, entre setembro e outubro, não existindo data fixa para a sua realização. Neste contexto, a Mordomia organiza o singular Cortejo, com arruada e com todos os Mordomos vestidos o inseparável gabão. No cortejo segue uma carroça puxada por um burrito, que percorre as ruas da Beira-Mar, parando em diversas casas e estabelecimentos, para recolher as oferendas da vizinhança. As oferendas podem ser de diversa natureza não monetária, desde peças decorativas e objetos de artesanato, a bacalhau, licor de alguidar, um grande presunto... “Cada um dá o que pode”, como referem com orgulho e humildade. O Cortejo decorre da parte da manhã e, durante a tarde, no largo da Capela de S. Gonçalinho, tem lugar o leilão das oferendas.

João Barbosa, antigo mordomo, refere “O Cortejo das Pastorais é um cortejo que se volta a fazer e muito bem, em que cada um oferece, faz uma oferta ao Santo. Oferta essa que depois é leiloadada. O produto é para a Festa. Os restaurantes todos aqui da zona dão a sua prenda e os cafés e muitos particulares, depois há um cortejo que se faz, onde essas ofertas são passeadas, agora sem tantos costumes como antigamente, porque as pessoas dantes vestiam-se de acordo com épocas, com atividades, com zonas de habitação, neste momento, ainda aparece o burrinho, alguns vestígios desse cortejo de prendas, até porque era um cortejo muito animado” (entrevista que integra o processo documental).

De assinalar também que cada mordomia encontra meios suplementares para obter verbas, através, por exemplo, da venda de gravura especialmente criada para o efeito, da autoria de artista local, ou da venda de peça cerâmica com edição limitada, ou através de outro merchandising. Nos últimos anos, as diversas mordomias têm vindo a promover outras ações, como por exemplo o Peddypaper de S. Gonçalinho, o Street Art Fest, os mercadinhos de rua, em combinação com as características arruadas. Nas arruadas, os Mordomos, identificados pelo gabão, percorrem as ruas da Beira-Mar acompanhados de pequena banda que faz soar a Marcha de S. Gonçalinho e outras canções populares. Os eventos ao longo do ano, que se realizam sob o mote “S. Gonçalinho o ano inteirinho” são cada vez mais relevantes. Por um lado, promovem o

espírito de solidariedade e pertença que se encontra no coração desta manifestação, por outro lado, facilitam a introdução de novos moradores ao espírito de S. Gonçalinho.

A expectativa da Festa cresce à medida que se aproxima o dia 10 de janeiro. Por norma, os festejos iniciam-se à quinta-feira, mas na segunda-feira que a antecede, após se fechar o trânsito em algumas das ruas da Beira-Mar, inicia-se a montagem das estruturas: montagem de palco preparado para receber concertos. A localização do palco tem evoluído com o desenvolvimento e alargamento da área da Festa. Numa fase inicial o palco era montado no próprio Largo da Capela, conforme as menções na imprensa local no início do século XX, depois o palco passou para a Praça do Peixe e também chegou a ser montado no Cais dos Botirões sobre a água. Esta solução já permitiu libertar o Largo da Capela para o crescente e animado arremesso de cavacas. Quando também o número de pessoas extravasou o espaço disponível nos Botirões e Praça do Peixe, o palco principal passou a ser montado no Rossio e, frequentemente, instalou-se um palco secundário, para concertos mais pequenos, dentro do Mercado do Peixe. Esta organização levou a que mais vendedores de cavacas e de doces regionais se instalassem nas ruas que confluem para a Capela e que exista um fluxo de pessoas a circular entre a Capela e o Largo da Capela, onde decorre o arremesso de cavacas, os Botirões e a Praça do Peixe, onde a venda ambulante anima as ruas, nomeadamente com barraquinhas de comes e bebes, e, por fim, o Rossio, onde decorrem os concertos. Este alargamento do perímetro da Festa traduz o seu crescimento nestes últimos anos. Em 2022, com caráter excepcional, o palco foi instalado no Canal de S. Roque, acessível através dos Botirões, devido a grandes obras a decorrer no Rossio.

Ao mesmo tempo que se montam as estruturas, o comércio ambulante de comes e bebes vai-se instalando. A rua Antónia Rodrigues é privilegiada pelos vendedores de bolos e cavacas, por corresponder ao principal acesso à capela. Quando as suas bancas estão prontas e cheias de sacos de cavacas e de outros doces típicos, dinamizando e alegrando toda a envolvente da Capela de S. Gonçalinho, já se respira a Festa e está tudo a postos para o início na quinta-feira, quando têm lugar os primeiros arremessos de cavacas, se lançam os primeiros foguetes e, finalmente, ouve-se o tocar característico do sino, que ecoa por todo o Bairro. É então sinal que a Festa inequivocamente começou!

Já dentro da Capela, entre as flores que preenchem o altar do Santo, podem ver-se também promessas de outros tipos, sobretudo: ex- votos em cera de pernas e bracinhas, apelando à cura de doenças ósseas. Durante o período da festa, a população da Beira Mar visita a Capela mais do que uma vez, demorando-se entre conversas livres, orações e cânticos. Dentro da Capela, tem lugar uma manifestação de sincera afetividade para com o Nosso Menino que ocorre espontaneamente nos dias de Festa, e que pode ser designada de cantar ao Santo. Normalmente acontece quando vários Mordomos entram na Capela e, de frente para S. Gonçalinho, cantam a Marcha em sua homenagem, soando também o bater de palmas que acompanha o ritmo:

I

Vamos todos em romagem
Nossas ofertas levar
E perante a sua imagem
S. Gonçalinho adorar.

II

Ele é nosso padroeiro
Bem merece devoções
O santo mais milagreiro
De tão nobres tradições.

Refrão:

Neste dia de festança
P'ra ti vai nosso carinho
Hás-de ir connosco na dança
Oh! Rico S. Gonçalinho.
Hás-de saltar as fogueiras
À noite no arraial
Dançar com velhas gaitadeiras
Uma dança divinal.

III

Oh! Santo casamenteiro
Casai as feias e as belas

Nosso santo rapioqueiro
 Não te esqueças das donzelas.

IV

Faz o nosso casamento
 Rico santo tão formoso
 Terás feitas de espavento
 E um presente primoroso.

O poema da Marcha de S. Gonçalinho traduz todo o sentimento da Festa. Como refere o mordomo Luís Borges “Quando nos dirigimos a ele a vontade é de cantar para ele”. Não sendo uma música litúrgica, não deixa de estar presente no interior da própria capela, bem como é cantada nas arruadas, nos convívios em restaurantes, na serenata que a Tuna Universitária de Aveiro faz a S. Gonçalinho... sempre que se juntam pessoas em torno de S. Gonçalinho, a Marcha acaba por surgir. A Tuna Universitário de Aveiro assume S. Gonçalinho como seu patrono desde o momento da sua formação, em 1995. Como revela uma das suas publicações nas redes sociais, datada de 1 de maio de 2023, em contexto da realização da 21.ª edição do FITUA: “À Capela com a Tuna Universitária de Aveiro” O concerto de abertura do XXXI FITUA, será uma Cantata, São Gonçalinho, ao nosso patrono, ao nosso menino!”.

As mulheres têm um papel primordial no ambiente no interior do templo. Já os Mordomos circulam por toda a Festa, verificam o decorrer dos concertos, por exemplo, e controlam o acesso à sacristia, por onde todos os que querem atirar cavacas precisam de entrar para chegar às escadas que dão acesso ao topo do templo.

Não obstante a Mordomia assumir o papel de organização dos festejos e as Mordomas velarem pela Capela, toda a população da Beira-Mar se envolve profundamente nestes dias e as famílias têm inclusivamente tradições que lhes são próprias, como reunir a família alargada e ir lançar cavacas em conjunto. No Bairro da Beira-Mar é habitual as casas terem pequenos altares domésticos a S. Gonçalinho, com a figura do Santo, a cavaca ao lado, uma garrafinha de licor de alguidar, uma ou mais litografias... Este sentimento está bem expresso na quadra de Amadeu de Sousa: “Nasci em S. Gonçalinho, Batizei-me em São Gonçalo; Casei junto ao meu santinho, E quero, em morto, adorá-lo.” (Sousa: 1992, 9). Luís Borges, mordomo e devoto, também corrobora: “Tenho um altar em casa que vai estar em perpétua construção”.

O lançamento de cavacas expressa as promessas realizadas a S. Gonçalinho e este costume pode ter sido originado pela tradição local relatada pelo Mordomo Nelson da Paula: “...a tradição das cavacas, o porquê... porque, antigamente, havia muitas doenças, como ainda hoje há, mas na época havia a lepra... isto é o que se conta... como havia a lepra, o S. Gonçalinho, para não ser contagiado com essa doença, em vez de entregar em mão, atirava. Daí o lançamento das cavacas! O atirar das cavacas!” (entrevista constante do processo documental). Também se refere que a oferenda de cavacas, lançadas da Capela, constituía um pão dos pobres, uma esmola, que apoiava a população mais carenciada da Beira-Mar na altura mais difícil, o pico do Inverno, em que os trabalhos nas marinhas de sal não tinham lugar, bem como a pesca e a apanha de molicho se deparavam com constrangimentos. Este pão seco, que se conservava, partilhado, permitia ultrapassar o Inverno. Com o passar dos anos e a melhoria das condições de vida, este pão enriqueceu-se e cobriu-se de açúcar. A presença das cavacas e o seu lançamento na Festa de S. Gonçalinho tem também referências documentais no Convento de Nossa Senhora da Misericórdia.

Curiosamente, as cavacas não são produzidas em Aveiro, mas são produzidas em grandes quantidades nos concelhos limítrofes. As cavacas de Aveiro também são mais duras, com o objetivo de não se partirem quando arremessadas. A sua forma côncava é única, como a forma das mãos abertas, aludindo ao ato de oferta, e gerou o costume de beber licor de alguidar ou vinho fino dessa concavidade: “E agora, Para cumprir a Tradição, Vamos comer uma cavaca, Apanhada do chão, Com Vinhaça na buraca”.

Para atirar as cavacas, entra um grupo de 15 a 20 pessoas de cada vez, depois do grupo que se encontrava no cimo da capela descer. As escadas são estreitas e em caracol, pelo que se tem de circular em fila e os grupos que sobem e descem não têm espaço para se cruzar. Os grupos que sobem também vão carregados com os sacos de cavacas que vão ser arremessadas por pagamento das promessas.

Faz parte da emoção da Festa: ir avançando lentamente pela fila, que muitas vezes chega a dar a volta à Capela, à espera da vez para ir atirar as cavacas; olhar sempre para cima porque as cavacas já voam; apanhar uma cavaca lançada com pontaria e sentir-se uma alegria de criança;

finalmente entrar para a sacristia e a expectativa já mal se contém! Está quase! Um grupo desce e chega a nossa vez de subir! Agarra-se bem o grande saco de cavacas, que dá até à cintura, e começa-se a subir as escadas em espiral muito estreitas... De repente chega-se ao topo, onde um Mordomo nos aguarda e ali podemos ver a multidão de pessoas à espera, reunidas a toda a volta da Capela, tantos rostos a olhar para cima, tantas mãos a acenar e a pedir que o arremesso recomece! Vamos lançar as cavacas! Vamos apanhar as cavacas! As cavacas são logo agarradas e por vezes alegremente disputadas! Os rostos são todos risonhos, pelo que ninguém leva a mal alguns empurrões, pisadelas e tropeções! Os miúdos são os mais aventureiros. Fazem sempre uma festa quando conseguem apanhar alguma cavaca! Entre os que apanham, estão aqueles que empunham redes., aparelhos de pesca transformados para o efeito em armadilhas aéreas. Quanto aos pagadores de promessas, é costume que sempre que passam junto do sino, agarrem a corda e toquem com o máximo de força, fazendo o sino repicar na expectativa de que S. Gonçalinho faça a sua parte e a promessa seja atendida! Assim, o toque do sino torna-se um dos sons característicos da Festa e todo o aveirense sabe que corresponde ao arremesso de cavacas e ao pagamento de promessas.

De uma maneira geral, o Santo é tratado com extremo carinho, como o Nosso Menino (Lopes 2011), e tanto pode ser vingativo ou maroto, quanto irreverente e espirituoso. O ambiente no interior do templo patenteia esta afetividade e é, assim, que se transforma, como já referido, em lugar de convívio e de cânticos religiosos subitamente interrompidos por cânticos com letras profanas dedicadas ao Santo: “Brincalhão e galhofeiro Vós fostes das velhas devoto casamenteiro. Ó santinho milagroso dai também às raparigas um noivinho bem formoso. São Gonçalinho, implora Junto de Deus, lá no céu, Feliz vida e boa sorte Pra todo o bom Cagaréu. Viva e reviva São Gonçalinho Dai me meu Santo Um filhinho” (citado a partir de Lopes, 2011, 7).

A celebração torna-se mais intensa no fim de semana. O ambiente no interior da capela é acolhedor e animado, enquanto no exterior decorrem os arremessos de cavacas, pagamento das promessas feitas a S. Gonçalinho. Ao mesmo tempo, bandas filarmónicas, a tuna universitária de Aveiro e artistas de música pop atuam no palco principal. Nos últimos anos, como já referido, o palco tem estado montado no Rossio, pois a participação nos concertos tem crescido e extravasou as estreitas ruas em torno da Capela. O número de pessoas tem vindo a aumentar estabelecendo uma circulação entre o Rossio, local do palco e fogo de artifício, e a zona da Igreja, passando pelas ruas com vendas ambulantes. Em alguns anos também se atearam os madeiros para saltar a fogueira, se bem que esta tradição tenha caído em desuso.

Domingo é o dia mais nobre dos festejos, devidamente assinalado pelo maior fogo de artifício sobre a Ria. Este é também o dia em que são anunciados pelo pároco da Vera Cruz, durante a Eucaristia, o nome dos Mordomos para a próxima Comissão de Festas. Outro momento da celebração tem lugar na segunda-feira, com a passagem de testemunho da Comissão de Festas, que se formaliza com o cortejo da entrega dos ramos e com a dança dos mancos, esta última de carácter privado, tendo lugar na Capela fechada. Estes dois acontecimentos tanto podem ser encarados como uma espécie de desenlace da celebração, como momentos de um outro ponto dramático, vivido, não no círculo alargado dos visitantes, mas sim no círculo mais restrito da mordomia.

A Entrega dos Ramos é dos momentos mais relevantes para a Mordomia, sendo sempre descrito como um momento marcante para qualquer mordomo, do qual nunca se esquecem, tanto pela sensação de dever cumprido, como pela emotividade que acarreta, ficando para a vida, com lágrimas de alegria nos olhos e que todos os mordomos se emocionam ao relatar - “E não há nenhum homem que não chore na Entrega do Ramo de S. Gonçalinho...” (entrevista a João Barbosa).

O cortejo da Entrega dos Ramos é outro momento em que o Bairro da Beira-Mar abre as suas portas, entrando os Ramos pelas casas dos novos Mordomos, com todos os que seguem o cortejo, sendo sempre recebidos com licor de alguidar e cavacas. Conforme relatado “cada Mordomo é visitado, o povo sobe as escadas da sua casa, bebe o seu copo, come a sua meia cavaca, ou não, ou licor de alguidar. Essa visita a casa dos mordomos, eu acho que é um bem social extraordinário, é uma ação que não se vê em parte nenhuma, aquilo representa um povo, o povo de Aveiro a visitar cada casa e sente-se uma emoção, porque toda a gente entra em casa, desconhecidos, quando eu recebi o ramo, toda a gente entrou em minha casa, eu não sabia quem eram, dezenas de pessoas, toda a gente entrou, bebeu o licor, comeu uma fatia de bolo-rei, quer dizer, é assim... a Entrega do Ramo, digo-lhe uma coisa, é uma magia, uma emoção que só

sentida” (entrevista a João Barbosa).

O tempo diário da festa está organizado diferentemente ao longo das 24 horas. A manhã e o princípio da tarde são normalmente ocupados com a visita da população escolar, nomeadamente do pré-escolar e do primeiro ciclo do ensino básico, à Capela e seu largo. De há sete anos a esta parte, na segunda-feira de manhã, tem lugar a iniciativa “Papa Cavacas” especialmente dedicada às crianças. A Mordomia oferece a cada criança um livrinho com uma história, que anualmente se renova, mas em que, por regra, o matreiro Papa Cavacas tenta roubar todas as cavacas e em que s. Gonçalinho intervém sempre, assegurando que as cavacas chegam a todos os devotos e que as promessas são pagas. Além da entrega do livro e de uma cavaca, também decorre uma peça teatral para as crianças e canta-se ao Santo, a Marcha de S. Gonçalinho.

A partir, aproximadamente, do meio da tarde, principiam os arremessos das cavacas que vão pelo menos até à meia-noite. Ao mesmo tempo, atuam as bandas e outros artistas convidados. Todos estes acontecimentos ocorrem no espaço característico do bairro da Beira Mar, onde a Capela de S. Gonçalinho está edificada, remontando a sua construção ao início do século XVIII. À semelhança de outras festividades tradicionais portuguesas, à centralidade da capela há que acrescentar as zonas imediatamente vizinhas, nomeadamente, e em primeiro lugar, o largo do mesmo nome e, num segundo passo, a Rua de Antónia Rodrigues, o largo da Praça do Peixe e o Cais dos Botirões. Em terceiro lugar deve ser considerado o conjunto de ruas e travessas da freguesia da Vera Cruz, que podem ser percorridas festivamente em diferentes combinações consoante os anos. Com efeito, durante o cortejo da Entrega de Ramos, em que tem lugar a mencionada passagem de testemunho aos novos mordomos, a intensidade festiva abandona temporariamente a zona da capela e transfere-se para esse percurso deambulatório, desenhado em função das habitações dos novos mordomos. Esta celebração da Entrega de Ramos é acompanhada por uma pequena banda filarmónica que toca marchas, encabeçada pelos dirigentes da Comissão de Festas e pelos portadores dos ramos, seguindo pelas ruas do bairro. As portas das casas dos novos Mordomos estão abertas para que os mordomos antigos e os ramos possam entrar.

“O Dia da Entrega do Ramo, tem coisas muito engraçadas, é muito bonito e nunca vi nenhuma nem procissão, nem festa, levar tanta gente! Porque são centenas de pessoas! Centenas de pessoas atrás da música, que os Mordomos vão com os ramos para entregar em casa dos parceiros, e toda a gente come e toda a gente bebe, e dança... e depois vimos entregar aqui à Igreja... [...] É uma cerimónia que vê todos os Mordomos a chorar agarrados uns aos outros, na Entrega do Ramo. Isso quer dizer alguma coisa!” confirma Isménia Franco, em entrevista.

Regressando à centralidade da Capela, para retomar um outro eixo de análise espacial, interessa ponderar a subida à cúpula do templo, para cumprimento de promessas, constituindo uma experiência no plano vertical, que se pode traduzir numa nova relação entre o alto e o baixo. Ao subir a escada em caracol e ao chegar ao estreito terraço que corre a toda a volta, o pagador devoto passa do mundo terreno ao mundo divino. Não é difícil imaginar que, até há bem pouco tempo, o olhar se poderia espriar livremente acima do casario, apropriando-se do espaço inteiro da cidade, dos canais da ria e das marinhas de sal. Mas essa subida à cúpula tem, apesar de tudo, uma outra característica fundamental: é que, além do movimento dos olhos, o devoto tem a obrigação do movimento das mãos e dos braços. Ou seja, ele é pagador de promessa. É esta cumprida em cavacas, pães duros em forma de palmeta, cobertos de calda de açúcar branco. Não se trata de lançar o saco inteiro da promessa, mas sim lançar uma a uma, as cavacas, sublinhando com o gesto aquilo que os olhos procuram.

Estes arremessos, anunciados pelo repique do sino, resultam, pois, do cumprimento de promessas. Do alto, o pagador entrega as cavacas ao Santo, lançando-as paradoxalmente para baixo, escolhendo simbolicamente os humildes que se empurram no largo. É localmente considerado de tradição que as cavacas que caem ao chão são abençoadas pelo Santo. Mesmo quando se pretende escolher a quem entregar as cavacas, tal gesto, se apalavrado previamente, ficará sempre às vicissitudes da sorte, ou aos designios do Santo, que pode fazer com que a doação se desintegre no empedrado do largo ou no alcatrão da rua, como tantas vezes sucede, enchendo o chão de um pó esbranquiçado, ou que acabe numa nassa de pesca espertamente manipulada, ou, ainda, num guarda chuva invertido, ou, finalmente, nas mãos de uma criança. A diferenciação de papéis entre quem está no cimo da capela e em baixo não é clara, desde logo porque o pagador, de volta ao terreno do largo, se torna rapidamente aquele que procura agarrar a cavaca, e este, galgada a escadaria em caracol, sob a proteção dos mordomos, ganha a condição de pagador. Uns e outros são devotos e esta condição é a mais importante. A Festa de S.

Gonçalinho é proverbialmente considerada uma celebração igualitária, que não distingue o rico do pobre, e que tem como base social a comunidade beiramarense, dos cagaréus, tradicionalmente constituída pelos ofícios ligados à pesca e à safra do sal, hoje, tendencialmente, substituídos por profissões do setor terciário. E há também a presença dos emigrantes, mesmo que não necessariamente física, já registada em 1935 por José Tavares, nos seguintes termos: É tão forte a crença nas virtudes de S. Gonçalinho, que nenhum americano, ao emigrar para a América, deixa de levar consigo a litografia do Santo, e é raro que algum deles se esqueça de enviar, lá de longe, para a festa, qualquer importância em dolas (dólares) (Tavares 1935: 130).

Ao longo da tarde e noite, muitos devotos formam fila esperando arremessar, lá de cima, os quilos de cavacas sobre a turbamulta que vai crescendo no largo à medida que o sol se põe. São os mordomos, envergando o gabão de Aveiro, que orientam o acesso dos pagadores de promessa ao terraço na cúpula da capela. Ao cair da noite de segunda-feira, a capela fica apinhada de vizinhos. À medida que se aproxima o termo da celebração, o ambiente eletriza-se e canta-se ao Santo, os mordomos juntam as suas vozes graves aos agudos femininos, gesticulando em direção à imagem do Santo, antes da saída dos ramos.

A Dança dos Mancos tem um caráter reservado, estritamente privada, sendo proibida a tomada de qualquer imagem ou recriação, é reservada aos Mordomos e membros mais próximos da comunidade. A Dança dos Mancos acontece na noite de segunda-feira, não sendo porém obrigatório que tenha lugar todos os anos. Tal depende da vontade da mordomia e, deste modo, a dança dos mancos era, no passado, um acontecimento raramente nomeado. Seja como for, o juiz da festa pode em determinadas circunstâncias autorizar a dança dos mancos, sentindo que se reúnem as condições necessárias de segredo entre os membros da comunidade presentes e assumindo o compromisso de não se realizar nenhuma fotografia ou filmagem. Arredam-se os bancos, fecham-se as cortinas e a porta da capela. Vindos da sacristia os Mordomos entram e, de frente para o Santo, fazem uma prece e pedem desculpa antecipada ao S. Gonçalinho, que não deve ficar ofendido, pelo que vai ter lugar. Alguns relatos mencionam que, antigamente, tapavam o rosto ao Santo ou viravam a imagem ao contrário, para garantir que o Santo não via a ofensa. Depois, mordomos e devotos presentes, principiam a cantar a Canção de São Gonçalinho: “S. Gonçalo arredai os bancos, Que eu quero dançar, A dança dos mancos, Quando os mancos, Querem dançar, Que farão aqueles, Que podem andar, Ai sim, Ai sim, Ai sim, Ai não, Santo da minha Alma, Do meu coração...”. Então, no final deste cântico, ou interrompendo-o, no espaço sobrelotado da Igreja, vindos da sacristia, surgem, subitamente, umas figuras de homens; nos rostos trazem ritos de troça, as bocas contorcem se, as línguas saltam para fora, tropeçam e caminham pelo meio das pessoas, torcendo os braços e pernas à medida que avançam. E os mancos prosseguem conforme podem, de cá para lá, de lá para cá, entre risos, exibindo provocatoriamente uma deficiência simulada. Mais do que uma paródia, contudo, a dança dos mancos apela a que o santo interceda a favor da comunidade curando as maleitas relacionadas com os ossos.

Em entrevista, o antigo Mordomo João Barbosa refere: “era até uma homenagem aos Mancos, uma cantiga aos Mancos, dar um abraço aos Mancos... Até os Mancos querem dançar e é a Dança dos Mancos exatamente por isso, e como queriam dançar, havia uma dúzia de pessoas que dançavam como os mancos”.

A Dança dos Mancos mantém o seu caráter reservado pois não é admitida a sua realização a pessoas fora da comunidade e não é divulgado o dia e o horário da sua realização. É necessário estar envolvido na Festa e com a comunidade da Beira-Mar para ter lugar esta partilha - “Faz-se, mas não se pode dizer assim... fazer, faz-se, à porta fechada!” como refere Isménia Franco.

A Dança dos Mancos também tem evoluído. Também em entrevista D. Maria José Pinho narra as memórias da sua juventude: “Antigamente, a Dança dos Mancos não era assim tão falada! Era muito pequena! Era de noite, fora da capela! Era fora da capela que andavam a cantar, a dançar como os mancos! Eu nunca vi! O meu pai nunca me deixou! As pessoas nem nos deixavam ir ver!! Era cá fora, não iam à capela!”.

Uma tradição que se retomou foi a realização da procissão, ao domingo, em que a imagem de S. Gonçalinho, montada num andor, percorre várias ruas da Beira-Mar. A procissão foi retomada no ano anterior à pandemia Covid-19, foi interrompida em 2021 e 2022 em sua consequência, e retomou em 2023 com a normalização dos Festejos. D. Isménia Franco conta com alegria: “Retomaram a procissão. Os Mordomos vão de gabão e as mordomas mandaram fazer as capas de tricana” (a tricana é a mulher de Aveiro, do povo, que se caracteriza por usar a capoteira e, mais

tarde, o xaile com franjas).

A Festa, durante a pandemia Covid-19, ajustou-se ao novo contexto. O pároco João Alves espelha o sentimento que vigorou durante a pandemia: “A pandemia veio dizer-nos que S. Gonçalinho não podia acabar”. O Juiz da Mordomia, em 2021 e 2022, Pedro Nunes reforça: “Apercebemo-nos que o importante era fazer chegar o S. Gonçalinho a casa das pessoas. As pessoas ficaram privadas do seu posto de conforto que é a Capela”. Assim, a Mordomia reforçou a presença on-line, através das redes sociais, com várias ações, nomeadamente debates e conversas. Apenas com 2 ou 3 homens também se fizeram arruadas, fazendo soar a Marcha de S. Gonçalinho pelas ruas do Bairro e trazendo os moradores à janela. Para quem não utilizava as redes sociais, pequenas lembranças, como flyers e pequenas cartas de S. Gonçalinho, chegaram a ser colocadas nas caixas de correio. Também a iniciativa para as crianças, o Papa Cavacas, se adaptou e a história foi animada e narrada nas redes sociais. Mal as normas de saúde pública o permitiram, e mesmo sujeita a restrições, reabre-se a Capela. A Mordomia desenvolve ações de solidariedade social relevantes neste período e que, em simultâneo, permitem aos devotos cumprir as suas promessas. A ação “Cavaca Solidária” permitiu a aquisição simbólica das cavacas à Mordomia em cumprimento de uma promessa. O valor do pagamento das promessas foi entregue a projeto solidário. Em 2022, a Festa retoma. O recinto dos festejos foi delimitado e o acesso era sujeito a teste negativo à Covid-19, mas a Festa teve lugar.

No seu conjunto, a festa de S. Gonçalinho contribui para a construção identitária entre a população do bairro da Beira Mar e é um motivo de orgulho para esta comunidade, simultaneamente uma construção identitária individual e coletiva, que prossegue em quem vai embora do bairro e que regressa no período de Festa. A emotividade em torno da Entrega dos Ramos presta o melhor testemunho da importância afetiva e simbólica desta celebração, e garante a sua renovação anual.

Origem/Historial

Embora não exista consenso absoluto é de crer que a festividade aveirense faz parte do culto ao Beato Gonçalo de Amarante. Como tem sido referido em estudos hagiológicos, como o de Maria Clara Lucas, trata-se este de um santo regional, sobre o qual corre uma lenda sobre a sua existência em Amarante e sobre uma ponte que, ainda, segundo a lenda, ele teria construído e defendido (Lucas 1984: 108). O culto a S. Gonçalo encontra-se em diversas povoações do norte de Portugal, a mais conhecida das quais é Amarante no distrito do Porto, de que é orago e onde teria falecido em meados do século XIII. A autorização de prestar culto público a S. Gonçalo, nomeadamente nos altares, data de 1551. Mais tarde, já em 1561, a beatificação é promulgada. Não obstante estas referências cronológicas, a mais antiga menção escrita ao culto data de 18 de maio de 1279, em que uma mulher deixa testamento a favor da Igreja de S. Gonçalo. Ou seja, este documento indicia que somente 17 anos após a sua morte e cerca de 3 séculos antes da aprovação pela Igreja, já existe um templo dedicado a esta devoção.

Entre 1527-1611 é publicada a história de S. Gonçalo na obra *Flos Sanctorum* (coletânea da vida dos santos da autoria de Pedro de Ribadaneira). São Gonçalo de Amarante pertenceu à nobre família dos Pereiras, e nasceu em Arriconha, freguesia de Tagilde, perto de Guimarães. Faleceu em Amarante, a 10 de janeiro de 1262. Relativamente à sua vida, será unânime dizer que recebeu os rudimentos de instrução com um tio sacerdote, embora haja quem afiance tratar-se de um bispo, e também quem refira que se tratava não de uma só pessoa, mas de um convento beneditino que existiu em Tagilde. Frequentou depois a escola episcopal de Braga, foi ordenado presbítero e nomeado pároco de São Paio de Vizela, bem próximo de Tagilde, onde nascera. Terá ido em devota peregrinação a Roma e aos Lugares Santos de Jerusalém. Muito enraizado na sua lenda é o facto de, na altura da sua viagem, ter confiado a paróquia a um sobrinho seu, que era sacerdote. Este expulsou-o da paróquia quando o tio regressou, de tal modo era apegado às coisas do mundo, e de tal modo S. Gonçalo vinha irreconhecível. A tradição refere que “cansado,

desfigurado, sequioso e faminto bateu ao portão da casa onde vivia o seu sobrinho pedindo ajuda e esmola e não foi atendido. Três vezes pediu e três vezes lhe foi recusada. Insistiu e, para seu espanto, naquela casa que havia sido sua, ninguém o reconheceu” (Patrício: 2022, 19). Sem a sua paróquia, terá seguido uma vida de entrega espiritual intensa e uma pregação incessante, vestindo o hábito dominicano. A S. Gonçalo atribui-se a reconstrução de uma antiga ponte romana sobre o rio Tâmega e a sua hagiografia refere vários milagres associados à reconstrução da ponte.

O culto expandiu-se por povoações durienses, alcançando, a norte, a bacia do rio Minho e, a sul, a bacia do rio Vouga. Os textos hagiográficos aumentam a partir do século XVI, a maior parte dos quais de autoria dominicana, ordem a que S. Gonçalo pertencera (Cunha, 1996). A devoção chegou a Espanha e a terras do nordeste brasileiro, possivelmente transportada pelos emigrantes minhotos (Nunes, 1988). No caso do culto no Brasil, é interessante referir a ação do Padre António Vieira, que pregou na cidade da Baía, entre 1682 e 1687, com o sermão a S. Gonçalo, em que este é retratado como modelo de virtudes, padroeiro dos pescadores, protetor dos trabalhadores da construção e da pesca, pai de famílias, protetor de viúvas e desamparadas, num vasto rol de atributos. Alberto Vieira Braga cita documentação brasileira que remonta ao século XVIII, e noticia também as expressões contemporâneas do culto, nomeadamente no Maranhão e em Pernambuco. Numa curiosa obra da autoria de Maria Isaura Pereira de Queiroz, é noticiado o modo como o culto gonçalense se difundiu no Brasil e se revestiu em dois casos, entre a comunidade alagoana e a comunidade bahiana, de manifestações bailatórias.

A S. Gonçalo, que na verdade possui apenas o estatuto de beato, são atribuídas vastas competências milagreiras, que incluem pescarias extraordinárias, curas de moléstias, arranjos de deformidades, respostas a afetos malparados e soluções para desgostos de amor. Estas referências surgem também em Aveiro. Como exemplo a entrevista a D. Isménia Franco e D. Maria José Pinho, parte do processo documental, e que contam: “Lendas que não são lendas, são casos verídicos, porque foram aqui com velhos nossos! Daí uma aproximação cada vez maior do povo da Beira-Mar ao S. Gonçalinho. Um ano ia uma safra muito mal, o nosso povo vivia das marinhas, e naquela altura em que não havia sal, eles iam à pesca para as marinhas e para os viveiros, e havia um, que morava ali, que era o Ti Teso, e era daqui que saíam [do Cais dos Boteirões] e então, passou ao S. Gonçalinho, todos se benziam, e nesse dia, as pessoas lembram-se, “Oh meu rico S. Gonçalinho, por amor de Deus, dai-me uma safra boa hoje, isto ainda não ganhei nada e se eu tiver uma boa safra, hoje, a primeira bateira de peixe é para vós, e a segunda é para mim.”. Foi levado... encheu a bateira em menos de uma hora, naquela altura peixe muito bom, solhas muito boas aqui da Ria e dos viveiros, era robalos, era tudo... Bem... a bateira veio cheiinha. Quando chegou ali às Pirâmides, avistou a Capela, diz que se virou para o S. Gonçalinho e disse-lhe “Oh meu rico S. Gonçalinho, eu já não ganho tanto dinheiro, tenho lá a mulher e os filhos para sustentar, olha... esta bateira é para mim, eu vou despejar e venho buscar outra para vós!”. Mal, ele tinha dito isto, veio uma marola, virou-lhe a bateira!”. A apetência do Santo para a cura de moléstias e arranjo de deformidades contextualiza, em Aveiro, a realização da Dança dos Mancos. Igualmente, várias quadras populares abordam a função de casamenteiro de S. Gonçalo: “Valeu-te o ardor das preces, E o santinho ter ouvido! - Por mais voltas que tu desses, Nunca arranjavas marido!” (Sousa: 1992, 13).

A hipótese mais credível para a introdução do culto a S. Gonçalo, em Aveiro, será a ação dos religiosos da Ordem dos Pregadores de S. Domingos que se instalaram no Convento de Nossa Senhora da Misericórdia, do qual sobrevive, hoje, a Sé de Aveiro. A 20 de janeiro de 1464, o bispo de Coimbra, D. João Galvão procedeu à dedicação deste espaço e, pelo menos desde essa data, existe uma comunidade religiosa com ligações a S. Gonçalo, sendo a figura conhecida e falada em Aveiro. Ao nível do culto a S. Gonçalo podemos sistematizar quatro espaços físicos: o já mencionado Convento dos Dominicanos; a primitiva Capela de S. Gonçalo; a atual Igreja de Nossa Senhora da Apresentação e, finalmente, a atual Capela de S. Gonçalinho. Se atualmente entrarmos na Sé, identificamos imediatamente dois testemunhos da presença de S. Gonçalo: na galilé, um painel de azulejos alusivo ao milagre dos peixes que terá acontecido aquando da construção da ponte de Amarante e, já no interior, uma tela retratando S. Gonçalo, no cadeiral. No próprio Convento de Nossa Senhora da Misericórdia, existia na igreja uma capela dedicada a S. Gonçalo. No acervo da Sé de Aveiro existe uma imagem de S. Gonçalo, em madeira dourada do séc. XVII, que se interpreta como tendo sido a imagem de veneração. Atualmente, esta capela corresponde à Capela de Nossa Senhora do Rosário.

Há 450 anos a população da Vila de Aveiro era excessiva para a única freguesia existente, a de

São Miguel. Em 1572, são criadas mais outras três, sendo que uma delas era a paróquia de Nossa Senhora das Candeias ou da Apresentação, também denominada de São Gonçalo. Também neste âmbito, as quadras populares reforçam a existência do culto a S. Gonçalo em ambas as freguesias de Aveiro - Glória e Vera Cruz: “S. Gonçalo lá de cima é das velhas curraleiras; S. Gonçalo cá de baixo é das novas pescadeiras”.

José Pereira Tavares refere no seu artigo dedicado às Festas de S. Gonçalinho, publicado em 1935: “Vem de longe esse culto (...), mas não será fácil determinar com precisão quando principiou”. Já na área da Beira-Mar, a sacristia da Igreja Paroquial da Vera-Cruz possui uma imagem de S. Gonçalo, datada do século XVI, e que atesta a antiguidade do culto e a sua expressão fora das comunidades religiosas dominicanas, tais como o Convento de Nossa Senhora da Misericórdia. Também se destaca a relevância da existência de dois templos dedicados a S. Gonçalo: a primitiva e a atual capela. O historiador Marques Gomes, na obra “Memórias de Aveiro” refere sobre a capela primitiva “É de bastante antiguidade, e foi reformada em 1714” (referindo-se à atual Capela, que tem a data 1714 no umbral).

Traçar a evolução da primitiva capela a S. Gonçalo não é consensual pois poucos registos sobrevivem. Refere-se que se situava junto das salinas do Rossio. Marques Gomes relata que os Carmelitas Descalços aqui estabeleceram, em 1613, o seu convento. Uma fonte documental aponta a sua construção ainda no decorrer do século XVI - a informação paroquial dada pelo Prior da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação ao provisor do Bispado de Coimbra refere que a construção teria cerca de duzentos anos. Nesta capela estabeleceu-se durante 45 anos a matriz da Freguesia de Nossa Senhora das Candeias, mais tarde da Apresentação. A Memória da Villa de Aveiro, de Pinho Queimado, de 1687, faz referência também a uma capela primitiva acrescentando, ainda, que a própria paróquia de Nossa Senhora da Apresentação se teria, inicialmente, chamado de S. Gonçalo. O “Diccionario Geográfico” de Luiz Cardoso, publicado em 1747, reforça, justificando que o orago de Nossa Senhora da Apresentação “antigamente esteve onde está huma emida deste santo junto à praya, e quando para aqui se transferio, mudou o nome de S. Gonçalo no de Nossa Senhora da Apresentação”.

Aquando construção da atual Capela de S. Gonçalinho se inicia, no principio do século XVIII, a Matriz da Paróquia já se encontrava na nova Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, referindo o seu primeiro livro de registo:

Livro 1º de Baptizados e Cazados da Igreja da Srª da Apresentação de Aveiro - Era de 1590 até 1619 / Este he o primeiro livro dos assentos dos baptizados e cazados que há nesta freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Aveiro, que antigamente era padroeiro São Gonçalo.

Já no âmbito da existente Capela, Nuno Gonçalo da Paula (2009: 5) refere ser possível que a imagem do nicho da entrada principal fosse proveniente da primitiva Capela de S. Gonçalo. Na capela atual é particularmente interessante o revestimento do telhado, em azulejo azul e branco, em ondas, que remete para o mar e para a Ria. Conforme lápide numa das paredes exteriores terá falecido um operário na construção em 1712.

Na Vera Cruz, em particular na área que configura o Bairro da Beira-Mar, consolida-se um apego profundo a S. Gonçalo. Tal é a afeição das gentes da Beira-Mar que S. Gonçalo de Amarante se transformou no S. Gonçalinho, o Nosso Menino.

A devoção e o culto a S. Gonçalo contextualizam a realização da Festa e dão origem à mesma, como fica expresso na informação prestada pelo historiógrafo aveirense Rangel de Quadros (1842-1918): Era a Confraria da Senhora do Rosário, à qual pertenciam todas as freiras e as recolhidas dos conventos de Jesus e de Sá, que zelava pelo altar do beato no Convento Dominicano de Nossa Senhora da Misericórdia e que patrocinava a respetiva festividade: por vezes tinha procissão cujo trajecto não era muito longo ... para a festa de S. Gonçalo havia a verba de 3 mil reis, para castanhas doces e cavaquinhas que eram às rebatinhas (lançadas para que as apanhem) distribuídas ao povo, como hoje ainda se faz na capela do mesmo nome, (vulgo S. Gonçalinho), na tarde do dia da sua festa.

O artigo de José Pereira Tavares, de 1935, permite vislumbrar como era a Festa no início do século XX: uma testemunha de avançada idade contou ao autor que se recordava de existirem na capela uns pares de muletas que se emprestavam a quem delas necessitasse e, após a recuperação, ofereciam, em agradecimento, azeite para as lâmpadas da capela.

Na imprensa local, encontram-se referências regulares à festa também desde o princípio do século XX. Por exemplo, o jornal Campeão das Províncias de 11 de Janeiro de 1905 regista o seguinte: Na nossa Beira-Mar é também festejado, nos próximos sabbado e domingo, com véspera e arraial, o popular S. Gonçalo, tocando a filarmónica aveirense.

De destacar que é possível que originariamente a festa não durasse cinco dias, mas apenas dois dias, Sábado e Domingo, mais a segunda feira para a passagem de testemunho da Mordomia. Também neste aspeto é o estudioso José Tavares que ajuda a esclarecer: só em época próxima de nós se criou o hábito de prolongar a festa até a segunda feira. O que nesse dia se passa, porém, é já estranho ao culto, um forçado enxerto, filho da hora que passa, toda de movimento. Pela tarde, uma música, ou um simples grupo de músicos, arremedo de jazz, posta se num dos coretos e durante horas executa música de dança. Ao som dela, à volta do coreto, pelas ruas que ali convergem, por todos os cantos onde se possa ouvir o que se vai tocando, mesmo que seja somente um ou outro compasso, estende se essa curiosa sala de baile, em cujo pavimento, não raro cheio de lama, os rapazes e raparigas, estudantes e tricanas, pescadores e pescadeiras, fazem como que o ensaio geral para os bailes do Entrudo. Terminada a dança, que muitas centenas de pessoas, de todas as categorias, presenciam, o resto do fogo vem pôr termo à festa do Santo e aos folgares do povo.

Outra descrição relevante das celebrações é publicada em 1984 por Santos Júnior. O etnógrafo descreve o arremesso de cavacas com bastante detalhe e o espírito geral da celebração, referindo os bailaricos. Transcreve a Marcha de S. Gonçalinho e a Dança dos Mancos, sem, no entanto, ter assistido à mesma. Também aborda a Entrega do Ramo aos novos Mordomos. Este autor descreve 3 dias de festa.

Assim, o alargamento do período de Festa até aos atuais cinco dias pode ter derivado da necessidade de acomodação temporal ao grande volume de promessas, que incluíam o arremesso de cavacas.

O envolvimento na Festa de S. Gonçalinho e a devoção a este santo também se alargaram para lá dos limites do bairro da Beira-Mar: a Tuna da Universidade de Aveiro (TUA) tem S. Gonçalinho como patrono e dedicam-lhe uma serenata durante a Festa. As Mordomias agregam homens que não são da Beira-Mar mas que sentem ligados a S. Gonçalinho e a Festa tem sido divulgada nos órgãos de comunicação social nacional.

Contexto de Documentação

Data 2023-7-18

Entidade Andreia Vale Lourenço

Responsável Andreia Vale Lourenço

Função Técnica Superior na Divisão de Cultura e Turismo, Sub-Unidade Museus e Património Cultural

Observação Documentação da Relevância da manifestação
 Direitos de Propriedade Intelectual
 Direito à Imagem
 Protecção de Dados Pessoais

Bibliografia

Bibliografia	Páginas
ALBINO, Gaspar, São Gonçalo Cagaréu, 2006	
ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de, “A Redenção dos Pardos: A Festa de São Gonçalo Garcia no Recife, em 1745”, in István Jancsó e Íris Kantor, orgs., Festa, cultura e sociabilidade na América portuguesa, Vol I, (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001), 417-444.	
BRAGA, Alberto Vieira, O culto de S. Gonçalo na Baía (notas subsidiárias). Separata da Revista Gil Vicente. Barcelos: Comp. Editora do Minho, 1935.	
CONDÁ, Diana Clara Festa de São Gonçalo mobiliza quilombo Pitanga dos Palmares, 2008.	
CUNHA, Arlindo de Magalhães R. da, São Gonçalo de Amarante. Um vulto e um culto. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 1996.	
GONÇALVES, A. Nogueira, Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1959.	
HEERS, Jacques, Festas de loucos e carnavais. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.	
LOPES, Conceição, São Gonçalinho “nosso menino”: rituais de celebração festiva da vida dos aveirenses. Revista Internacional de Folkcomunicação. Vol.1, 2011.	
LUCAS, Maria Clara, Hagiografia Medieval Portuguesa. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1984.	
MACKENDRICK, Karnen, Embodying Transgression. Of the presence of the body. Essays on Dance and Performance Theory, Middletown: Wesleyan University Press, 2004. pág.140-156	
NEVES, Amaro, S. Gonçalo, em Aveiro - a Ermida, A Igreja Paroquial, a Capela, a “Dança de S. Gonçalo”. Aveiro: ADERAV	
NUNES, Padre Pinho, S. Gonçalo de Amarante. Porto: Paróquia de S. Gonçalo, quarta edição, 1998	
OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, Festividades Cíclicas em Portugal. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984	
QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, Sociologia e Folclore. A Dança de S. Gonçalo num povoado Bahiano. Salvador-Bahia: Livr. Progresso Editora, 1958.	
RAPOSO, Paulo Pinto, O Papel das Expressões Performativas na Contemporaneidade. Tese de Doutoramento. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2002.	
SANT’ANA, Pablo António Lima, São Gonçalinho de Aveiro: O design de ludicidade da Festa, Dissertação de Mestrado, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, 2016	
SANTOS JÚNIOR, J.R. dos, A Dança dos Mancos na festa de S. Gonçalinho em Aveiro. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, fasc. 4, Vol. 24,. Separata da Revista Gil Vicente. Barcelos: Comp. Editora do Minho, 1984 pág. 619-644	
SOUSA, Amadeu, de Redondilhas a São Gonçalinho. Aveiro: Edição da Câmara Municipal de Aveiro, 1989	
TAVARES, José, A Festa de S. Gonçalinho. Em Arquivo do Distrito de Aveiro I: ,1935, pag. 127-133.	
TÉRCIO, Daniel, Celebrar o Inverno. Jornal Expresso de 04/02/2006	
TÉRCIO, Daniel, Devoção, Fartura e Transgressão na Festa de S. Gonçalinho em Aveiro. Etno Folk Revista Galega de Etnomusicoloxía, ano 4, Vol. 1, n.º 12, Cord. INET, Pontevedra, Dos Acordes, 2008	
TÉRCIO, Daniel, Narratives on the limp’s dance. Em Dance, Narratives, Heritage. Dance and Narratives, Dance as Intangible and Tangible Cultural Heritage. 28th Symposium of the ICTM Study Group on Ethnochoreology.	

Korcula, Croatia, 2014.

VIEIRA, Padre António, Sermão de São Gonçalo, 16, Obras Completas do Padre António Vieira. Sermões, fasc. 6, vol. 11, 1223 e 1265. Porto: Lello & Irmão Editores. Zona-Sul. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1993.

ZING, Jesus, Cavacas vão voar no S. Gonçalinho. Jornal de Notícias de 07/01/2010.

RIVADENEYRA, Pedro de, J.J. 1527-1611, Flos Sanctorum, historia das vidas, e obras insignes dos santos. Pelo M.R.P. pedro de Ribadaneira... e de outros autores, traduzida da língua Castelhana em a nossa Portugueza pelo Licenciado Joam Franco Barreto. Lisboa: por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza: a custa de Francisco de Souza Mercador de Livros, 1674, 2 t. em 2 vol.; 2.º

RICARDO, Ana Rita Correia, “Ó meu rico São Gonçalinho” - Produção de um documentário sobre as mordomas da Festa de S. Gonçalinho, dissertação de mestrado, Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, 2021 (<https://ria.ua.pt/handle/10773/34403>)

Observações

<MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

O culto a S. Gonçalo encontra-se disseminado em Portugal, mas também nos países lusófonos, destacando-se o Brasil, onde é padroeiro de diversas localidades e onde existem manifestações associadas com características específicas, referindo-se, a título de exemplo, a Dança de S. Gonçalo, patente entre a comunidade alagoana e a comunidade baihana, com características próprias de local para local.

Em Portugal, destaca-se o culto a S. Gonçalo na cidade de Amarante, onde é padroeiro. Em Amarante, o Santo tem duas celebrações, a primeira decorre no dia 10 de janeiro, que corresponde ao falecimento de S. Gonçalo, e a segunda, tem lugar no primeiro fim-de-semana de junho, com as festas da cidade. As Festas do Junho decorrem no centro histórico de Amarante e na envolvente do rio Tâmega, com animação caracterizada pela atuação de bombos em despique, bandas musicais, ranchos folclóricos e marchas, sem faltar o grandioso fogo-de-artifício. Várias barracas, onde se vende o doce fálico, também animam a festa que atrai milhares de pessoas. O Santo tem reputação de casamenteiro e o doce fálico alude, em forma de paródia, a esta sua valência. Em Amarante, os festejos culminam com a procissão em homenagem a S. Gonçalo. A tradição determina que se ofereçam cravos ao beato e as mulheres, puxam a corda do hábito de S. Gonçalo, pedindo marido e, em troca, o primeiro filho chamar-se-á Gonçalo.

Pela sua proximidade com Aveiro, destaca-se também o culto a S. Gonçalo na freguesia do Bunheiro, concelho da Murtosa, um dos municípios da Ria de Aveiro. No Bunheiro, vários aspetos da vivência da devoção a S. Gonçalo estão a desaparecer e persistem, somente, enquanto recriações promovidas pela Câmara Municipal e Junta de Freguesia com o apoio de alguns ranchos folclóricos locais. No Bunheiro destacavam-se as “novenas”, em que se pedia a cura dos cravos. Se o Santo curasse os cravos, o afetado pela maleita, tinha que pagar a promessa, sendo habitual “pagar” as promessas a 10 de janeiro. A novena é constituída por nove rapazes e nove raparigas que, em procissão, se dirigem à Capela de S. Gonçalo. Quem fez a promessa e viu os seus cravos curados segue à frente, montado num burrito, mas virado para trás. Seguem-se, aos pares, os nove rapazes e nove raparigas que constituem a novena e os restantes participantes e curiosos seguem atrás. Quem se cruzava com a novena, ao longo do trajeto, era saudado por quem ia à frente e era sempre oferecido vinho por um elemento que tem essa função específica. As raparigas da novena levavam à cabeça uma pada e os rapazes levam, ao ombro, um pinheirinho que tem pendurada uma chouriça. Ao chegar à Capela de S. Gonçalo, quem fez a promessa, desmonta o burrito e dirige-se para a mesma. Leva, à cabeça, um penico de louça cheio de papas e tropeça, nas escadas do portão, deixando cair o penico e espalhando as papas pelo chão. Prossegue-se para o interior da Capela, onde todos os presentes rezam o terço e, após o terço, todos saem, para a conclusão da promessa poder ter lugar, pois é o momento em que quem fez a promessa mostra o cu ao santo. No fim, já cá fora, todos os participantes comem as papas e as chouriças e bebe-se o vinho que sobrou. Neste momento de convívio pode-se comer também rosca doce, bolos sortidos e beber vinho fino.

</MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

<CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

1. Caracterização e fundamentação da relevância da manifestação do património cultural imaterial de acordo com, pelo menos, um dos critérios genéricos de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 149/2015, de 15 de junho:

A Câmara Municipal de Aveiro e a Mordomia de S. Gonçalinho, através de protocolo formalizado para o efeito, consideram ser relevante a inventariação da Festa de S. Gonçalinho, em conformidade com o disposto no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 139 de 2009, de 15 de Junho de acordo com os seguintes critérios genéricos de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10.º do mesmo diploma:

a) Importância da manifestação do património cultural imaterial enquanto reflexo da respetiva comunidade ou grupo: A Festa de S. Gonçalinho constitui um dos principais símbolos de Aveiro. A Festa demonstra a devoção a S. Gonçalinho, um fator de distinção e influência na história e na cultura deste território, ilustrada na evolução do seu culto, introduzido em Aveiro pela ação dos conventos dominicanos, no século XV, e a sua evolução até à Festa dos nossos dias, que no início do século XX já surge mencionada na imprensa local. A Festa de S. Gonçalinho expressa, igualmente, a dinâmica do Bairro da Beira Mar, bem como a adoração dos naturais residentes fora que se deslocam para assistir à Festa e, mesmo no estrangeiro, efetuam importantes donativos para a sua concretização, bem como se deslocam expressamente para participar na Festa de S.

Gonçalinho. De resto, a realização da Festa é motivo de reunião familiar e convívio com o grupo alargado de amigos e vizinhos. Este sentimento de pertença manifesta-se na Festa propriamente dita, mas também nas ruas para onde a Festa extravasa e nas casas, sempre abertas nestes dias, prontas a bem receber todos, com mesa posta. Ou seja, existe uma repetida deslocação coletiva para participar na Festa, tanto marcando presença no largo da capela, como pelas ruas e entrando na casa dos vizinhos e amigos. Na memória coletiva de quem cresce no Bairro da Beira Mar, construído desde a infância, a Festa está gravada como alegria, convívio e generosidade, com experiências partilhadas, de apanhar, lançar e comer as cavacas no Largo da Capela, mas, também, o estar dentro da Capela a conversar, a conviver e a cantar, cantar que se estende, em desgarradas para a rua. Assim, a Festa de S. Gonçalinho está profundamente enraizada nas tradições locais, passando de geração em geração, renovando-se anualmente, adquirindo múltiplas dimensões de valor afetivo. A transmissão da Festa ocorre em múltiplos planos complementares: nas reuniões da Mordomia; nos encontros das Mordomas; no seio familiar e, igualmente, no plano mais alargado da comunidade. Destaca-se o carácter continuado da realização da Festa, o que a torna um símbolo relevante para os moradores, mas também para aqueles que deixaram de residir na Beira-Mar mas que procuram sempre regressar e estar presentes na Festa. Assim, a Festa de S. Gonçalinho tem também o papel de consolidar as relações e as ligações com este bairro muito particular de Aveiro. A Festa de S. Gonçalinho, o Nosso Menino, conserva um traço identitário para os moradores e naturais do Bairro da Beira Mar, marcando um forte enraizamento ao local, motivo de orgulho, de pertença a um espaço geográfico, mas principalmente, a um espaço cultural bem definido e distinto.

b) Os processos sociais e culturais nos quais teve origem e se desenvolveu a manifestação do património cultural imaterial até ao presente: O Bairro da Beira Mar surge como um caso singular em Aveiro, com uma personalidade própria bem marcada, com um forte sentimento de comunidade, interiorizado desde o nascimento de cada habitante, orgulhosamente cagaréu, orgulhosamente da Beira Mar. As crianças e os jovens são sempre introduzidas às tradições do Bairro e este entrosamento reforça a solidariedade entre moradores e o sentimento de uma identidade própria, bem como o sentido de pertença ao lugar. A vivência do quotidiano, que mantém muitas tradições e hábitos ligados à Ria, mas, acima de tudo, na atualidade, a continuidade de uma paisagem vincada pela água e por uma luminosidade muito própria, da qual, qualquer aveirense sente a falta quando está fora. Esta mundividência encontra na Festa de S. Gonçalinho o auge da sua expressão, todos congregando, sob a orientação dos Mordomos e das Mordomas, cada grupo com a sua função particular, uma Festa que se reproduz anualmente, mas que também vai sendo reinventada, crescendo em animação e devoção. O Bairro da Beira Mar, mais do que o palco da Festa, compõe a alma desta manifestação e da devoção a S. Gonçalinho, sendo essencial para a realização da mesma, tanto nos aspetos em que a Festa se renova e alarga (concertos), como nas suas tradições mais reservadas (Dança dos Mancos). A devoção a S. Gonçalinho de resto está presente todo o ano, nas visitas que se vão efetuando à Capela, nas velinhas que se deixam nas janelas da Capela, no colar de ouro que se coloca no altar em agradecimento, nas flores com que se presenteia o santo. Além da visibilidade que a cúpula de S. Gonçalinho tem nesta área de Aveiro, servindo de marcador territorial e de referência, ainda existe a presença de S. Gonçalinho em pequenos painéis de azulejos votivos colocados nas fachadas das casas, como na toponímia, nomeadamente a Travessa de S. Gonçalinho. A Mordomia é sempre composta por homens do Bairro ou com fortes ligações ao mesmo, sendo dentro desta estrutura que se procede à transmissão de práticas e conhecimentos. A Festa, naturalmente, está aberta ao exterior e, para além dos habitantes da Beira Mar, cada vez mais, toda a cidade está envolvida. Para além dos habitantes do Bairro da Beira-Mar um conjunto mais amplo de pessoas participam na Festa. Há quem se desloque para observar as festividades e para assistir ao lançamento de cavacas, mas também para conviver com amigos e conhecidos, pois quem já conhece a Festa de S. Gonçalinho ou nela participa, tem especial prazer em a dar a conhecer a outros. Regressam aqueles que já não residem na Beira-Mar mas que mantêm ligações pessoais e familiares. Com a progressiva divulgação da Festa de S. Gonçalinho, que já acolheu, por exemplo, programas de televisão de larga audiência, consolida-se a sua perceção como um recurso valioso para o Bairro da Beira-Mar e um importante meio simbólico para se representar positivamente.

c) As dinâmicas de que são objeto a manifestação do património cultural imaterial na contemporaneidade: A Festa de S. Gonçalinho realiza-se anualmente, em janeiro, de quinta-feira a segunda-feira, em torno do dia do Santo, dia 10 de janeiro, com o seu epicentro na Capela de S.

Gonçalinho. Esta Festa representa um momento de celebração único para os habitantes da Beira-Mar, sendo a expectativa da Festa reforçada nas semanas anteriores à sua realização, quando se iniciam os preparativos, quando se recolhem donativos e quando começam a ter lugar eventos já relacionados com a Festa, tal como o Cortejo das Oferendas ou Pastoras. No Bairro da Beira-Mar, a Festa de S. Gonçalinho é efetivamente o maior evento festivo e aquele que envolve a participação de moradores e não moradores, bem como praticamente todos os grupos musicais e culturais existentes nesta área de Aveiro. Além dos dias de Festa, que constitui a manifestação que expressa o auge da devoção e do culto a S. Gonçalinho, a comunidade da Beira-Mar tem uma profunda ligação ao Santo que se encontra presente no quotidiano desta comunidade, tanto no interior das casas, com a devoção manifestada através dos altares domésticos, como nos momentos relevantes da vida, tais como o casamento, para qual o se procura a bênção de S. Gonçalinho e que se privilegia a Capela como local para a celebração. Também é de relevar a apropriação do nome Gonçalo para as crianças que nascem, bem como a presença de S. Gonçalinho como padroeiro da Tuna Universitária e do clube Beira-Mar.

d) Os modos como se processa a transmissão da manifestação do património cultural imaterial: A passagem de conhecimento tem, em parte, um carácter intergeracional. As diferentes componentes da Festa tanto são transmitidas de modo mais informal no seio das famílias, como têm lugar, de forma mais específica, no seio da Mordomia, nas suas reuniões, bem como no grupo informal das Mordomas, nos seus encontros, e no passar de testemunho de mãe para filha. Em ambos os casos, a transmissão é feita de modo oral. Os novos Mordomos que são nomeados recebem informação da anterior mordomia, mantendo, assim, viva a organização da Festa. Já no âmbito familiar, procura-se que os mais novos acompanhem os pais e os avós nos eventos que se organizam em torno de S. Gonçalinho. De mais forma alargada, todos os moradores acabam por estar envolvidos na Festa, criando momentos de convívio e o ambiente de celebração único que se vive. Trata-se de um momento especial para reunir a família e conviver com todos os amigos e vizinhos. Também de relevar que apesar de a Festa de S. Gonçalinho ser um evento anual, os preparativos iniciam-se com vários meses de antecedência, gerando expectativa e envolvendo vários participantes. São realizadas várias atividades promovidas pela Mordomia que, além de gerarem donativos para a Festa, a vão veiculando. Assim, a transmissão dos conhecimentos envolvidos na preparação e na realização da Festa de S. Gonçalinho acontece por um lado através da oralidade, tanto no seio familiar como no âmbito da Mordomia, mas é igualmente relevante o contacto com as diferentes práticas performativas, por exemplo o Cortejo das Pastoras ou das Oferendas, e a realização de atividades promovidas pela Mordomia, tais como a Gala de S. Gonçalinho, o PeddyPaper e outros similares.

e) As ameaças e os riscos suscetíveis de comprometer a viabilidade futura da manifestação do património cultural imaterial: A mais forte ameaça a esta manifestação viria da sua excessiva massificação, distorcendo os seus valores e perdendo autenticidade. Se, por um lado, a notoriedade da Festa, com grandes concertos, tem trazido novas pessoas, bem como tem suscitado interesse na comunicação social, existe o risco de nem todos os novos participantes compreenderem os seus valores, conduzindo à sua descaraterização e perda da genuinidade que lhe está subjacente. Os novos públicos, muitos dos quais participantes ocasionais, movidos pela curiosidade e pelos concertos, não compreendem, por exemplo, o significado de lançar cavacas (pagar uma promessa). O risco de incompreensão agrava-se no caso da Dança dos Mancos, podendo ser interpretada como ofensiva por quem não pertence à comunidade. Também a deslocalização e descontextualização desta manifestação pode fazer perigar a respetiva autenticidade. Para a realização de grandes concertos com um grande número de pessoas a assistir, a Festa tem, em parte, vindo a afastar-se da Capela e ruas imediatamente envolventes. Os concertos, até há cerca de 6 anos, realizavam-se no Cais dos Botirões, em palco montado sobre a Ria, passaram a ter lugar no Rossio. Se bem que o acesso à Capela se mantenha, a Festa ganhou uma nova geografia e, conseqüentemente, uma nova dinâmica também tem vindo a estar presente. Na Capela e seu largo concentram-se aqueles que vão pagar promessas, lançando cavacas e aqueles que estão a apanhar cavacas e, no Rossio, em tenda de grandes dimensões montada para o efeito, juntam-se os que assistem aos concertos de nomes conhecidos da música portuguesa.

f) As medidas de salvaguarda propostas para assegurar a valorização e a viabilidade futura da manifestação do património cultural imaterial: A crescente articulação entre a Mordomia e a Câmara Municipal de Aveiro, nomeadamente através dos Museus de Aveiro, revela a perceção da importância deste evento. A Câmara Municipal de Aveiro instituiu o processo de inventariação por

mandato da Mordomia e da Paróquia da Vera Cruz, conforme protocolo instituído para o efeito. Neste âmbito, as medidas de salvaguarda a desenvolver serão sempre norteadas pelos seguintes princípios basilares: considerar no processo de salvaguarda e nas ações a desenvolver que o património cultural imaterial está em permanente transformação; salvaguardar o contexto sociocultural onde a Festa de S. Gonçalinho se integra; respeitar prioritariamente as opiniões dos agentes sociais envolvidos na Festa de S. Gonçalinho; estar atento a riscos e ameaças que possam levar a Festa de S. Gonçalinho a desaparecer ou perder os seus traços únicos e identitários para a comunidade da Beira-Mar e relacionar as ações de patrimonialização, com as medidas de salvaguarda e de difusão da Festa de S. Gonçalinho. A entrega de acervo produzido no âmbito da Festa (as serigrafias e peças) aos Museus de Aveiro é, também, relevante para a preservação dos testemunhos associados à Festa. As celebrações têm sido documentadas por vários fotógrafos, tendo sido efetuadas publicações sobre esta manifestação em diversos suportes (livro e filme), bem como têm sido desenvolvidos vários trabalhos académicos no âmbito da Universidade de Aveiro. A título de exemplo destaca-se o filme documentário produzido por Pablo António Lima Sant’Ana, designado “S. Gonçalinho de Aveiro” (2016) e, mais recentemente, o também filme documentário de Ana Ricardo, designado “As Mordomas de S. Gonçalinho” (2021). O pedido de inventariação veicula, igualmente, o interesse em estudar e transmitir esta manifestação. Contudo, é de realçar que a maior garantia de preservação vem da própria comunidade da Beira Mar, com a qualidade de vida no lugar, o seu sentido de enraizamento e a renovação geracional da devoção a S. Gonçalinho, força motriz para a realização anual da Festa. A valorização da Festa aos olhos dos moradores, bem como o reconhecimento da sua singularidade contribuem para a alegria e orgulho desta comunidade.

As medidas de salvaguarda articulam-se em torno de 3 eixos estruturantes:

- O apoio continuado do Município de Aveiro à realização da Festa de S. Gonçalinho. Não se substituindo à Mordomia e às suas funções e atribuições, mas anualmente, colaborando com as Mordomias na organização da Festa, especificando-se o apoio ao nível da emissão de licenças e de logística, cortes de trânsito, cedência de espaço público, articulação com Proteção Civil e demais entidades públicas;

- Continuação da realização de trabalhos académicos e de investigação sobre a Festa de S. Gonçalinho, em estreita colaboração com a Universidade de Aveiro, em particular através do Departamento de Comunicação e Arte, bem como o Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos de em Música e Dança, sendo a Festa de S. Gonçalinho, sempre que viável, incluída em processos de investigação. A título de exemplo refere-se o projeto SOMA, Arquivo de Sons e Memórias de Aveiro, que recolheu e arquivou sons (o repicar do sino, cânticos e marchas, convívio na capela) referentes à Festa de S. Gonçalinho;

- Ações específicas para a comunidade escolar e para público infantil e juvenil, em que a Mordomia e a Câmara Municipal de Aveiro colaboram estreitamente, sendo de destacar a atividade “Papa Cavacas”, de carácter continuado, em que, anualmente, é escrita uma história para as crianças, sendo a Festa de S. Gonçalinho retratada, bem como o seu espírito e a ambiência do Bairro da Beira-Mar. Com a história, que todos os anos se renova, é editado um livrinho ilustrado que é oferecido aos alunos do ensino básico do concelho de Aveiro. Na manhã de segunda-feira tem lugar a peça de teatro com a história, acorrendo milhares de crianças, que primeiro se deslocam à Igreja, para serem recebidas pelos Mordomos e para receberem o livro e cavacas e, de seguida, dirigem-se para a animação teatral. Acorrem também crianças com as famílias, no que se tornou uma tradição da Festa, a manhã de segunda-feira é especialmente destinada aos mais jovens. Esta ação decorre já há sete anos, ininterruptamente.

Pelo facto da Festa de S. Gonçalinho constituir uma referência estruturante da cultura local existe um grande cuidado da Mordomia de S. Gonçalinho, da Paróquia da Vera Cruz e da Câmara Municipal de Aveiro em preservar, valorizar e assegurar a continuidade da realização da Festa de S. Gonçalinho, assegurando que as gerações futuras e que recém-chegados a Aveiro conhecem também esta manifestação e se empenharão na sua organização. Estas três entidades trabalham em grande proximidade no âmbito das celebrações de S. Gonçalinho e em contacto constante, que ocorre tanto com membros do executivo camarário como com o corpo técnico que apoia a realização da Festa.

g) O respeito pelos direitos, liberdades e garantias e a compatibilidade com o direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos: A Festa de S. Gonçalinho é uma manifestação que respeita a liberdade de culto religioso e, embora de matriz católica romana, não exclui qualquer cidadão da participação, nem é contrária aos direitos, liberdades e garantias

constituídos na lei nacional e internacional.

h) A articulação com as exigências de desenvolvimento sustentável e de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos: A Festa de S. Gonçalinho consolida a solidariedade entre os habitantes do Bairro da Beira Mar, promovendo, igualmente, a comunicação entre gerações e o vínculo entre residentes e naturais já não residentes. A Festa dinamiza ainda a economia local, atrai visitantes a Aveiro e promove a preservação de tradições.

</CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

<PATRIMONIO_CULTURAL>

Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com demais manifestações de património cultural móvel, imóvel ou imaterial:

Património cultural móvel: Destaca-se a importância da imagem de S. Gonçalinho existente na Capela. Esta imagem é alvo de culto e recebe promessas. Outro elemento relevante é o palmito, ramo de flores que os Mordomos transmitem aos seguintes.

Património cultural imóvel: A Igreja de S. Gonçalinho é o centro da Festa. Do seu topo lançam-se as cavacas, ou seja, o pagamento das promessas e no seu interior prevalece o convívio entre os moradores. Também na Igreja, fechada e de cortinas fechadas, em ambiente de segredo, decorre a Dança dos Mancos. No domingo, tem lugar a missa.

Património cultural imaterial: A Festa de S. Gonçalinho relaciona-se com as demais celebrações referentes ao culto de S. Gonçalo, destacando-se as Festas do Junho, em Amarante. Neste âmbito, a devoção ao Santo apresenta bastantes pontos de contacto relevando-se a sua faceta de casamenteiro e de cura de doenças. A cidade de Amarante tem o ponto alto da sua devoção em junho, nas Festas do Junho, contudo também assinala o falecimento do Santo, a 10 de janeiro. Tanto em Aveiro, como em Amarante, o conjunto de quadras populares tem semelhanças profundas e expressam a mesma vivência associada à sua devoção. Ambas as cidades promovem uma procissão dedicada a S. Gonçalo e, igualmente, ao nível dos festejos, ambas as cidades se esmeram no fogo-de-artifício e na promoção de animados concertos. A maior ligação entre Aveiro e Amarante assenta no facto do túmulo de S. Gonçalo se encontrar nesta cidade, na Igreja e Convento de S. Gonçalo, atual Igreja Matriz de Amarante, em capela localizada no lado direito do altar-mor, e que motiva vários devotos aveirenses a deslocarem-se para prestar homenagem.

</PATRIMONIO_CULTURAL>

<PATRIMONIO_NATURAL>

Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com património natural: A Festa de S. Gonçalinho não tem relação direta com a salvaguarda de património natural, no que respeita a espécies, áreas ou paisagens protegidas. Contudo, o Bairro da Beira-Mar, onde se realiza a Festa, tem ligação emocional à Ria de Aveiro pela sua localização geográfica, que confronta com a Ria, e pela sua ocupação tradicional com atividades relacionadas com a Ria de Aveiro - pescadores, marnotos, salineiros - denominando-se, ainda hoje, os moradores de cagaréus.

</PATRIMONIO_NATURAL>

<ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com estudos científicos ou técnicos, com metodologias de pesquisa, com

programas de informação e divulgação, ou com programas de sensibilização em curso com vista à salvaguarda da mesma: A Festa de S. Gonçalinho, constituindo uma das mais relevantes manifestações de património imaterial em Aveiro, integra-se nos processos de estudo e comunicação levados a cabo pelo Museu de Aveiro, tendo, em conjunto com a Mordomia vindo a ser promovidas diversas iniciativas, de conferências (Encontros de S. Gonçalinho), a exposições temporárias e atividades de serviços educativos (Papa Cavacas e S. Gonçalinho Pés de Barro). Além das iniciativas desenvolvidas em conjunto com a autarquia, a Mordomia promoveu a edição de um livro sobre a Festa, bem como de um filme documental. Adicionalmente, alguns investigadores têm vindo a desenvolver investigação sobre a Festa e a publicar artigos em revistas científicas (por exemplo, o Prof. Daniel Tércio e a Prof. Conceição Lopes).

</ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

<ENTIDADE_REQUERENTE>

Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com a missão, visão, valores e vetores estratégicos da entidade requerente ou de outras entidades: O presente Pedido de Inventariação é apresentado pela Câmara Municipal de Aveiro e apoiado pela Mordomia de S. Gonçalinho e pela Paróquia da Vera Cruz. Estas três entidades colaboraram estreitamente na redação da ficha de inventário, tendo as várias fases de redação sido lidas e revistas em conjunto, A candidatura também é apoiada pela comunidade de Aveiro em geral, enquanto agentes vivos de continuidade e de manutenção desta devoção e festa, em particular os moradores do bairro da Beira-Mar. A classificação pelo PCI procura, principalmente, assegurar a salvaguarda da Festa de S. Gonçalinho, evitando a sua descaracterização fruto da crescente procura por turistas e visitantes. O Proponente Câmara Municipal de Aveiro mantém uma grande proximidade com a Mordomia e com a Paróquia da Vera Cruz apoiando vários momentos da organização da Festa de S. Gonçalinho. A Câmara Municipal de Aveiro, através dos Museus de Aveiro, também promove várias atividades em torno da temática de S. Gonçalinho e da sua Festa: exposições temporárias, documentação fotográfica e videográfica, conferências e ações para o público escolar infantil.

</ENTIDADE_REQUERENTE>

<ACTIVIDADES>

Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com as atividades desenvolvidas, em curso ou projetadas, pela entidade requerente ou por outras entidades: Os Museus de Aveiro têm vindo, em articulação com a Mordomia de S. Gonçalinho, a constituir uma coleção associada à Festa de S. Gonçalinho, pois esta festividade faz parte integrante do património imaterial concelhio, sendo, consequentemente, objeto de estudo, comunicação e salvaguarda por parte dos museus. Neste âmbito, têm também, em conjunto, sido organizadas exposições temporárias relativas a este tema, conferências (Encontros de S. Gonçalinho, já com várias edições) e ações educativas para o público mais jovem. No âmbito das ações educativas destaca-se a atividade Papa Cavacas, que inclui a edição de livro infantil e peça teatral que decorre no largo da Capela, na manhã de segunda-feira da Festa, e que já conta com 8 edições.

</ACTIVIDADES>